



## **MARCAS ORAIS EM TEXTOS ESCRITOS DE ALUNO DE 6º ANO: UM ESTUDO DE CASO**

Jasilene Lucena Cavalcanti

*Profletras Universidade Estadual da Paraíba  
profletras@ch.uepb.edu.br*

**RESUMO:** Esse trabalho pretende mostrar um estudo sobre a influência da oralidade na escrita, analisando dois fenômenos presentes no texto de um aluno do 6º Ano. O interesse por essa temática nasceu da observação da ocorrência de marcas de oralidade nos textos escritos dos alunos, a despeito de serem alunos de 6º Ano, que já estão num nível de escolaridade que permitiria apresentar certo domínio da língua escrita. Tomamos como corpus de análise o texto de um aluno do 6º Ano de uma escola pública da cidade de Alagoa Nova, PB, produzido na sala de aula a partir de uma atividade elaborada pela professora, após a leitura de uma narrativa. No material coletado, observamos a influência que a oralidade exerce sobre a escrita dos alunos no contexto escolar, o que ocorre pela falta de domínio dos elementos linguísticos necessários à escrita. Detectados os problemas, elaboramos uma sequência didática que favorecesse a reflexão dos alunos quanto às habilidades no uso da linguagem, levando-os a perceber as marcas da oralidade em suas produções escritas. Com esse trabalho, pretendemos contribuir para a reavaliação, por parte dos professores, das metodologias utilizadas na sala de aula no tocante aos fatores que determinam os desvios linguísticos dos alunos, eliminando os preconceitos que muitas vezes permeiam as práticas docentes.

**Palavras-chave:** Oralidade, Fala, Escrita.



## 1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, os estudos da língua estiveram focados nos aspectos formais, em detrimento dos usos da língua. Fala e escrita eram consideradas formas distintas da língua. A fala caracterizava-se por ser menos elaborada, não planejada, enquanto a escrita era caracterizada por ser mais elaborada, planejada. Privilegiava-se a escrita.

Sabemos que a fala antecede a escrita; assim, inserida em sua comunidade, a criança se comunica, compreende, se faz compreender, enfim, interage com as pessoas do seu meio. Ao chegar à escola é natural que haja transposição da oralidade para os textos escritos. Como proceder, sem que se incorra no perigo de discriminar os diferentes modos de falar do nosso aluno, respeitando a língua falada que ele já domina?

É necessário que a escola se liberte do mito de que existe apenas uma forma “certa” de falar, a que se parece com a escrita (PCN, 1998). A escola não deve ensinar o aluno a falar, pois isso ele aprende antes de participar do contexto escolar. Deve, antes, propiciar ao aluno a reflexão sobre as distinções entre a língua escrita e a língua falada, as sobreposições em que se dão e, acima de tudo, o valor, a importância que tem cada uma no adequado momento comunicativo. Conforme Marcuschi & Dionísio (2005, p.18) “As relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação perpassada pelos gêneros textuais, e não na observação dicotômica de características polares”.

Cabe à escola, e em especial ao professor de língua materna, analisar a influência da oralidade nos textos escritos dos seus alunos, levando-os à reflexão sobre as diferenças entre fala e escrita, sobre as suas características e orientando-os a empregar a língua adequadamente nos diversos contextos de uso.

Deve-se deixar claro para o aluno que a língua é social, que a oralidade e a escrita apresentam características específicas e que ambas são realizações de um mesmo sistema linguístico; que na escrita faz-se necessário o uso do padrão ortográfico da língua e que o



domínio da língua oral e da língua escrita oportuniza a participação efetiva na sociedade.

Nessa perspectiva, buscamos analisar os traços orais presentes no texto escrito de um aluno de uma turma de 6º Ano; em seguida, apresentamos uma proposta de intervenção na busca de solução para esses problemas.

Servirão como referencial teórico os estudos de Marcuschi e Dionisio (2005) e Botelho e Meireles (2005).

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Ao estudarmos fala e escrita, não devemos nos esquecer de que são duas modalidades do sistema da Língua Portuguesa; possuem características próprias, porém não dicotômicas. Conforme Marcuschi (2001, p. 22) “[...] oralidade e escrita são duas ações possíveis para o uso da língua, que empregam o mesmo sistema linguístico, têm características próprias e não podem ser vistas como categorias distintas, tampouco dicotômicas.”

De acordo com os PCNs (1998), o ensino de Língua Portuguesa deve levar o aluno a ser capaz de compreender os textos orais e escritos com os quais se defronta em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz.

Nessa perspectiva, cabe à escola possibilitar ao aluno, além da reflexão sobre a língua, a utilização adequada dos padrões da fala e da escrita de acordo com as exigências do texto a ser produzido. E, sendo o ensino da língua escrita sua preocupação principal, a escola deve estar atenta para o fato de que o aluno já chega dominando a língua falada. Ele fala com eficiência, interage com os seus colegas, pois essa interação já se dá em sua comunidade, compreende e é compreendido. Assim, é provável que a sua fala influencie a sua escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização.

O grande desafio, portanto, no ensino da língua, é: como ensinar a norma culta sem desconsiderar a variante linguística dominada pelo aluno? Sem cometer o erro de privilegiar a



escrita, tornando-a mais importante?

[...] para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (PCN, 1998, p.21)

A distinção entre a fala e a escrita é um dos obstáculos à alfabetização das crianças. Como aprendemos a falar antes de escrever, a tendência é escrevermos como falamos; é a fala influenciando a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização.

Lidar com as diferentes formas de falar dos alunos continua sendo uns dos grandes desafios enfrentados pelo professor de Língua Portuguesa e um dos grandes obstáculos desses alunos quanto ao domínio da escrita, pois ainda se confunde variação linguística com “falar errado”. Perceber esses diferentes falares, possibilitar ao aluno a reflexão sobre a língua e a utilização adequada dos padrões da fala e da escrita de acordo com as exigências do texto a ser produzido, devem ser objetivos do professor de língua materna comprometido com a aprendizagem dos seus alunos.

Uma vez concebidas dentro de um quadro de inter-relações, sobreposições, gradações e mesclas, as relações entre fala e escrita recebem um tratamento mais adequado, permitindo aos usuários da língua maior conforto em suas atividades discursivas. (MARCUSCHI, 2001, p. 9)

Não se trata, portanto, de ensinar o aluno a falar, pois isso ele já sabe. Deve-se mostrar que existem outras formas de linguagem além da que ele utiliza na comunicação com a família e amigos. Para isso, é necessário que o professor seja um estudioso da língua, refletindo acerca dos fatores que influenciam a aprendizagem da escrita dos seus alunos,



adotando estratégias que propiciem uma aprendizagem eficaz quanto aos diversos usos da língua, proporcionando aos seus alunos um maior contato com atividades de escrita, trabalhando com o maior número possível de gêneros textuais. Acima de tudo, cabe ao professor de Língua Portuguesa propor um ensino a partir da língua falada, valorizando-a e respeitando-a como a modalidade da língua dominada primeiramente.

### **3 METODOLOGIA**

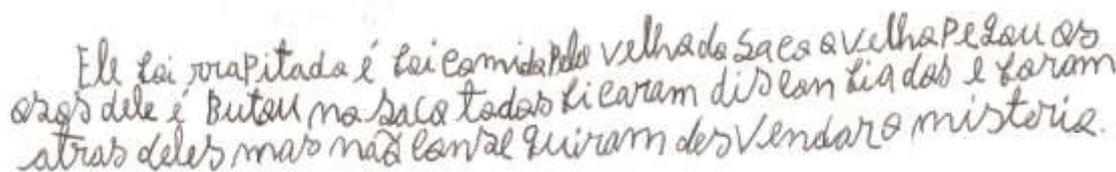
Para elaboração desse artigo, foi analisado um texto escrito por um dos alunos do 6º Ano A do Colégio Municipal Prof.<sup>a</sup> Violeta Costa de Souza, da cidade de Alagoa Nova, Paraíba.

A escolha de apenas um texto ocorreu por dois motivos: primeiro, o texto contém traços que estão presentes em vários outros textos, (como as palavras “butou” e “disconfiados”) que refletem a pronúncia; segundo, nesse texto o aluno apresentou, na mesma palavra, dois fenômenos não muito comuns para alunos com certo domínio da escrita (ex: rrapitado – epêntese e desconhecimento das regras contextuais).

A atividade proposta, uma sequência didática, contemplou a leitura da lenda urbana “O Homem do Saco”, pela professora, seguida da elaboração de um texto sobre o possível desfecho da história lida.

A presença de marcas orais nos textos dos alunos despertou a discussão sobre as distinções entre fala e escrita, e, por conseguinte, a reescrita desses textos. Ainda foram propostas atividades sobre os fenômenos fonológicos observados no texto, os quais serão objeto de análise desse trabalho.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS



Ele foi rrapitado e foi comido pelo velho da saca e velha. Pelos os olhos dele e butou na saca todos ficaram de olho nos olhos e foram atrás dele mas não conseguiram descobrir o mistério.

Para análise, selecionamos dois problemas que são comuns na fase de aquisição da escrita, e que, portanto, não deveriam ocorrer em textos de alunos do 6º Ano, que, como dito anteriormente, já deveriam ter certo domínio da escrita.

Os dois problemas foram verificados na palavra “rrapitado”. Em primeiro lugar, observamos a duplicação do R no início da palavra. Ocorre aqui o que chamamos de desconhecimento das regras contextuais.

Sabemos que, inicialmente, a criança escreve as palavras foneticamente. À medida que vai tendo contato com novas possibilidades de escrita, ela vai reformulando as hipóteses anteriores, às vezes acertando as novas grafias, às vezes cometendo erros em palavras que antes escrevia corretamente. Gradualmente, a criança vai conhecendo determinados padrões ortográficos para, por fim, começar a utilizar adequadamente o contexto ortográfico.

Para a aquisição do r e rr, as crianças utilizariam inicialmente apenas uma letra r para marcar tanto o som /R/ quanto /r/; posteriormente, a criança se daria conta da utilização dos dois rr, mas adotaria a nova grafia de forma indiscriminada, não considerando ainda nem o som nem a posição que a letra ocupa na palavra. Seria possível, por exemplo, verificar na escrita da criança a representação do som /r/ com dois rr.

Em uma terceira etapa, a criança já utilizaria a regra ortográfica de forma adequada, se



baseando no som para escrever a palavra – o som forte seria representado com dois *rr* e o som fraco com um *r* só – e também na posição da letra na palavra – não se usam dois *rr* no início da palavra, apenas no meio.

Por último, as crianças compreenderiam que no meio da palavra, mesmo que o som seja /R/, só é possível utilizar os dois *rr* quando entre vogais.

Em segundo lugar, observamos a inserção ou adição de elemento sonoro no interior de uma palavra, em geral um [i] (átono e breve). Chamamos esse fenômeno de epêntese.

A epêntese é um fenômeno típico da linguagem oral, observado geralmente durante a fase de aquisição da escrita. Como o Português apresenta a vogal como centro silábico, há uma tendência natural de rejeição a um tipo de estrutura que não seja essa. É o que acontece com “advogado” e “opitar”, entre outras.

Observar, em uma mesma palavra, dois fenômenos como o que verificamos, é preocupante porque aponta para lacunas existentes no processo de aquisição da escrita em alunos de uma série avançada. É preocupante também porque marcas orais em textos escritos de alunos do 6º Ano são frequentes, o que não deveria acontecer. Esses dados revelam a urgência de medidas em relação a mudanças na formação acadêmica e continuada dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Buscando eliminar esses problemas, elaboramos uma sequência didática para ser desenvolvida em cinco aulas, o que não significa que apenas essas atividades sejam suficientes. Precisamos, como professores de Língua Portuguesa, trabalhar continuamente com o objetivo de aprimorar a escrita desses alunos.

A atividade proposta teve início com a leitura da história “O Homem do Saco”, pela professora, seguida da releitura feita por alguns alunos. Logo após, solicita-se à turma a elaboração de um texto sobre o possível desfecho da história.

Nessa primeira produção textual do aluno, das 32 (trinta e duas) palavras empregadas, quatro foram escritas de forma incorreta.



Na segunda produção textual, mesmo após a professora ter realizado uma atividade com a escrita correta das palavras, o aluno continuou escrevendo “osos” (embora lesse ossos, com som ss) e “rrapitado”, e escreveu “consiguiu”, que na primeira produção tinha escrito corretamente.

Na terceira produção textual, o aluno escreveu “conseguiu” e escreveu “rapitado” (suprimiu um **r** inicial) e “osos”, embora lesse ossos (com o som ss).

Detivemo-nos, no entanto, na palavra “rrapitado”, uma vez que não é muito comum encontrarmos a palavra **raptado** grafada dessa forma, e mais preocupante é um aluno do 6º Ano duplicar uma letra no início da palavra.

Para auxiliar a eliminar esse problema, foi realizada uma atividade que permitiu a sistematização dos usos do **R** e **RR**; estendemos a atividade para a sistematização dos usos do **S** e **SS**, já que o aluno insistiu em escrever “osos”.

Em relação à epêntese, elaborou-se um ditado com palavras com encontros consonantais. À medida que as palavras eram ditadas, trabalhava-se a pronúncia para que os alunos observassem a diferença com e sem a presença de uma vogal entre as consoantes, como em “**rapitado**” e “**raptado**”.

Sabemos que, para conseguirmos bons resultados, atividades constantes com leitura, escrita e oralidade devem ser oferecidas aos alunos, além da reescrita de textos, que é um momento em que o aluno pode refletir sobre a própria linguagem.

## 5 CONCLUSÃO

É clara a presença de traços orais na escrita dos alunos. Isso não seria tão preocupante se esses alunos não estivessem no 6º Ano, cujo processo de alfabetização já deveria estar completo ou em uma etapa mais avançada, com menos influência da oralidade.

Apesar de ser bastante limitado, esse estudo é indicativo do que temos visto nos textos



dos nossos alunos. E não apenas nos textos de alunos do 6º Ano, mas em textos de alunos de séries mais adiantadas. E isso é assustador porque a solução não está unicamente nas mãos do professor de Língua Portuguesa, embora ele seja responsabilizado por essa situação.

Sabemos que o professor de língua materna não possui a habilidade necessária para lidar com alunos em processo de alfabetização, e isso dificulta o trabalho em sala de aula. Por outro lado, ele não pode ficar apático diante desse quadro desalentador. Ele deve interferir constantemente no processo de aprimoramento da modalidade escrita desses alunos. O preconceito linguístico deve ser evitado, mas o aluno deve entender que é preciso dominar a norma culta para as situações formais.

Dessa forma, é papel do professor de Língua Portuguesa diversificar sua prática pedagógica, tornando-a interessante e eficaz. Atividades com o uso do dicionário, com a leitura de gêneros textuais variados, com a escrita e reescrita de textos, com jogos pedagógicos, e outras tantas, são sempre bem-vindas. Oferecer oportunidades aos alunos de domínio da escrita com o objetivo de inseri-los mais eficientemente em processos de letramento mais complexo é o grande papel do professor.



## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCUSCHI, Luiz A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. & DIONÍSIO, Ângela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 13-30.

BRASIL. PCN. Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 2001.

MEIRELES, Elisabet de Sousa; CORREA, Jane. *Regras contextuais e morfossintáticas na aquisição da ortografia da língua portuguesa por criança*. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 077-084, Apr. 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722005000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000100011&lng=en&nrm=iso)>. Access on 05 May 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000100011>.

BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. *Metaplasmos contemporâneos – Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/completos/comunicacoes/isabellelinsleite>. Acesso em 05 de maio de 2015.

